



2

JOSUÉ A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



O Livro de
RUTE

R. Clyde Ridall

Introdução

A. Título

O título deste livro é derivado do nome de sua personagem principal, Rute, uma mulher moabita. Ela é a bisavó do rei Davi, mas é pura conjectura a questão de ela ter sido realmente uma filha de Eglom, rei de Moabe, como diz a tradição judaica.

B. Autor

O livro de Rute é anônimo. Tem-se atribuído sua autoria a Samuel, a Ezequias ou a Esdras. À luz das poucas informações de que dispomos, a única resposta válida é que não sabemos quem foi o autor inspirado deste registro da obra de Deus nas vidas de pessoas que viveram no período dos juízes.

C. Data

Alguns críticos têm afirmado que este livro foi escrito na época dos últimos reis de Israel ou até mesmo depois da volta dos judeus da Babilônia. Eles dizem que (a) os termos *lahan*¹ e *mara*² são aramaicos e apontam para um período posterior de composição. Mas essa afirmação não é convincente, pois o hebraico (assim como o ugarítico) continha aramaísmos desde o início. É fato que (b) Davi é mencionado pelo nome (4.22), mas isso não pode ser considerado prova cabal de que o livro tenha sido escrito várias gerações depois, quando este nome se tornou o título de uma dinastia. Se foi realmente assim, devemos perguntar por que o nome de Salomão não foi citado também. É inegável que (c) o estranho costume de tirar os sapatos para renunciar a um pedido (4.7) não era mais praticado quando este livro foi escrito. Nem mesmo isto é evidência conclusiva para uma data posterior. Os críticos argumentam que (d) o autor de Rute estava familiarizado com Deuterônômio³ e o livro de Juízes, possuidor de um caráter deuterônômico. Mas se for aceita a visão tradicional da origem e das datas desses dois livros, nada seria mais natural do que o fato de o autor de Rute estar familiarizado com seu conteúdo. Finalmente, (e) os críticos apontam para um número de palavras em Rute que, segundo eles, estavam ausentes do vocabulário hebraico do período de Davi. Mas este argumento deve ser rejeitado porque os poucos trechos da literatura hebraica que restaram deste período são escassos para justificar uma inferência tão ampla.

Os eventos narrados em Rute aconteceram duas gerações⁴ antes de Davi nascer. Desconhecemos quanto tempo depois o Espírito Santo inspirou o autor a registrá-los. Contudo, uma vez que Davi é citado de maneira específica, parece seguro presumir que o livro não foi escrito antes de seu nascimento. Além disso, existem expressões em Rute que podem conectá-lo com o período geral da monarquia davídica, como, por exemplo, (a) “Assim me faça Deus e outro tanto”⁵, (b) “toda a cidade se comoveu”⁶ e (c) “caiu-lhe em sorte”⁷. A partir disso, este autor sugere que a data mais provável de composição do livro de Rute foi o reinado de Davi.

D. Historicidade

O livro não é nem mito nem lenda. É claramente uma narrativa histórica. Os incidentes relatados aqui ocorreram num período de tempo específico, a saber, “nos dias em que os juízes julgavam” (1.1). A linguagem é simples e franca, jamais apologética. Cada referência aos costumes daquele período é precisa e factual. Durante aqueles primeiros dias havia paz entre Israel e Moabe (1 Sm 22.3,4)⁸ e aparentemente não era proibido o casamento misto entre os descendentes de Abraão e os de Ló (Gn 19.38). Pode ser que Deuterônimo 23.3 se aplique apenas a moabitas e amonitas do sexo masculino. Além disso, parece pouco provável que um escritor de ficção tivesse “inventado” uma ancestral de Davi que fosse de origem moabita. Seria mais lógico preencher este espaço usando uma israelita em vez de uma estrangeira, especialmente se o autor tivesse vivido depois do exílio (Ed 9.2; 10.3). Também é significativo o fato de Mateus incluir o nome de Rute na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1.5) e que a lista inspirada de Lucas siga a mesma linha (Lc 3.32). Portanto, este autor conclui que Rute é uma pessoa histórica e o registro de sua vida apresentado aqui é um relato preciso.

E. Propósito

O livro foi escrito para fornecer um “elo perdido” na linhagem dos ancestrais de Davi (4.17-22). Desse modo, ele se torna um importante “ramo” da “árvore” genealógica de nosso Senhor. Uma vez que Cristo morreu pelo mundo todo (2 Co 5.15), é bastante adequado que alguns de seus ancestrais “segundo a carne” (Rm 1.3) fossem gentios.⁹

Rute também nos fornece valiosos lampejos para uma vida doméstica mais feliz neste período. O livro já foi chamado de história de amor. Ele é, na verdade, a história de um grande homem debaixo da orientação e da bênção de Deus. Este livro revela que a nobreza e a graça não desapareceram de Israel, até mesmo naqueles dias mais rudes de agitação e anarquia. A verdadeira piedade e simplicidade do *modus vivendi* nunca deixaram de existir, nem mesmo no meio de um período tão rústico.

F. Posição

Na Bíblia hebraica moderna este livro está colocado no *Megilloth*¹⁰ e é lido publicamente na Festa das Semanas¹¹ (no tempo da colheita). Contudo, até por volta do ano 450 de nossa era, o livro de Rute era considerado uma continuação de Juizes. Em sua lista de livros inspirados, Josefo¹² aparentemente considera Juizes e Rute como um único livro. Ao que tudo indica, Jerônimo¹³ deixa implícito que os dois estavam juntos no cânon hebraico. Rute aparece na LXX e na Vulgata logo depois de Juizes (como em nossas versões atuais). Não se sabe *por que* nem *como* o livro saiu de sua posição original junto aos “Profetas Anteriores” e foi parar no Hagiógrafo (ou Escritos), a terceira divisão do cânon hebraico.

Esboço

I. A TRAGÉDIA ATINGE UMA FAMÍLIA HEBRÉIA, 1.1-22

- A. Um Viúva Solitária, 1.1-5
- B. Uma Decisão Difícil, 1.6-14
- C. A Devoção de Rute, 1.15-18
- D. Duas Estranhas em Belém, 1.19-22

II. RUTE VAI APANHAR ESPIGAS JUNTO AOS SEGADORES, 2.1-23

- A. Rute Encontra Boaz, 2.1-7
- B. Boaz Conversa com Rute, 2.8-13
- C. Rute Come com Boaz, 2.14-16
- D. Um Parente de Sangue, 2.17-23

III. O ESTRANHO PEDIDO DE RUTE, 3.1-18

- A. Noemi Aconselha Rute, 3.1-5
- B. Boaz Faz um Voto, 3.6-13
- C. Rute Volta a Noemi com um Presente, 3.14-18

IV. BOAZ REDIME A HERANÇA DE ELIMELEQUE, 4.1-22

- A. Um Remidor Muda de Idéia, 4.1-6
- B. Um Casamento em Belém, 4.7-12
- C. O Nascimento de Obede, 4.13-17
- D. A Genealogia do Rei Davi, 4.18-22

SEÇÃO I

A TRAGÉDIA ATINGE UMA FAMÍLIA HEBREIA

Rute 1.1-22

A. UM VIÚVA SOLITÁRIA, 1.1-5

O pano de fundo dos eventos relatados no livro de Rute é uma fome em Israel **nos dias em que os juízes julgavam** (1), o que forçou a emigração de uma pequena família de Belém, em Judá, para a terra de Moabe, a sudeste da Palestina (veja mapa). A expressão **peregrinar** significa viver na situação de estrangeiro residente. O nome do pai da família era **Elimeleque** (2), que significa “Deus é [o seu] rei”. **Noemi** (“deleite, prazer”) e dois filhos, **Malom** (“doente, fraco”) e **Quiliom** (“definindo” ou “decaindo”), completavam a família. Eles eram **efrateus**, um termo que normalmente se refere à tribo de Efraim. Contudo, como Boaz, o remidor, era claramente da tribo de Judá (4.18-21; Mt 1.3-5), neste caso **efrateus** é provavelmente derivado de Efrata, um termo do Antigo Testamento intimamente relacionado com Belém (Gn 35.19; 48.7; Rt 4.11; 1 Cr 4.4; Mq 5.2).

Tanto Malom como Quiliom se casaram com moças moabitas: **Orfa** (4) e **Rute** (“amizade” ou “amiga”).¹ Os três homens da família morreram durante os dez anos de residência em Moabe e Noemi ficou sozinha com suas duas noras.

B. UMA DECISÃO DIFÍCIL, 1.6-14

Quando Noemi ouviu que a fome em Israel havia acabado, resolveu voltar para casa acompanhada de suas duas noras. Noemi pediu às duas mulheres mais novas que voltassem para suas casas em Moabe, na esperança de que ambas pudessem se casar novamente e, assim, acharem **descanso** (9), ou seja, que formassem um lar com um marido de seu próprio povo. O versículo 11 é uma referência à lei do levirato (Dt 25.5,6), que

exigia que um homem se casasse com a viúva de seu irmão se este morresse e não deixasse filhos. Esta lei é mencionada pela primeira vez em relação a Judá e Tamar (Gn 38.8-11) e foi o tema principal da argumentação contra a imortalidade proposta pelos saduceus em Marcos 12.19. **A mão do Senhor se descarregou contra mim** (13) – A atitude submissa de Noemi faz paralelo com a história de Jó (Jó 1.21). Neste momento de decisão, **Orfa beijou a sua sogra** e afastou-se; **porém Rute se apegou a ela** (14).

C. A DEVOÇÃO DE RUTE, 1.15-18

Noemi pediu mais uma vez para que Rute voltasse, mas a jovem permaneceu firme. Sua resposta é uma das mais memoráveis promessas de devoção e amor encontradas em toda a literatura: **Não me instes para que te deixe e me afaste de ti; porque, aonde quer que tu fores, irei eu e, onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada; me faça assim o Senhor e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti** (16,17). Esta terna amizade humana é similar à de Davi e Jônatas (1 Sm 20.17,41) e à de Cristo e os apóstolos (Jo 15.9,15). Além disso, é o reflexo de uma firme decisão religiosa.² Rute estava determinada a abandonar os deuses de Moabe e tornar-se seguidora do Deus de Israel juntamente com Noemi. Ela viu alguma coisa nas vidas e na fé daqueles israelitas que fez com que ela se aproximasse não apenas deles, mas também do Senhor Jeová.

O fato de Rute ser recebida na situação em que estava pode indicar que as restrições divinas contra os descendentes de Moabe haviam sido removidas (Dt 23.3) ou que tais restrições se aplicavam apenas aos moabitas do sexo masculino.

“A grande escolha de Rute” é resumida nos versículos 14 a 18 num retrato preciso da opção que uma pessoa faz quando se torna um cristão. Ela foi (1) uma escolha de convicção, e não de emoção, conforme se vê no contraste com Orfa (v. 14); (2) uma escolha feita apesar de todas as dificuldades (veja vv. 11-13); (3) a escolha em favor de um povo (v. 16); (4) a escolha de um objeto supremo de devoção (v. 16); (5) uma escolha sem opção de voltar atrás (vv. 17,18).

D. DUAS ESTRANHAS EM BELÉM, 1.19-22

Noemi – em torno de quem gira a história – e Rute chegaram a Belém no começo da colheita da cevada. Toda a vila se agitou com sua chegada e as mulheres perguntavam: “É realmente Noemi?”. Tal como muitos antes e milhões desde então, Noemi ficou tentada a colocar em Deus a culpa por seu infortúnio. **Não me chameis Noemi** (20), respondeu ela; **chamai-me Mara**, um nome que significa “amargura” ou “tristeza”. **Pois o Senhor testifica contra mim** (21), “o Senhor me humilhou”, na LXX. **O Todo-poderoso me tem afligido tanto** significa que Deus a “quebrou em pedaços”.

SEÇÃO II

RUTE VAI APANHAR ESPIGAS JUNTO AOS SEGADORES

Rute 2.1-23

A. RUTE ENCONTRA BOAZ, 2.1-7

Na busca de um meio de sobreviver, Rute vai para os campos recolher aquilo que os segadores deixavam para trás, um privilégio concedido aos pobres pela lei (cf. Dt 24.19-21). O termo **espigas** (2) pode se referir a trigo, cevada ou grãos de qualquer tipo e não apenas ao milho que encontramos nas três américas. **Caiu-lhe em sorte** (3) ou “por casualidade” (ARA) ir para o campo de um parente de Elimeleque, um homem de posses chamado Boaz, o que certamente foi uma questão de providencial orientação.¹

O próprio Boaz foi verificar o progresso de sua plantação naquele dia. Ao cumprimentar os segadores com a tradicional saudação judaica: **O Senhor seja convosco** (4), ele percebeu a presença da viúva moabita que trabalhava nas proximidades. Ao ser informado de sua identidade e da diligência com que trabalhava, ele se aproximou dela para conversar. **A não ser um pouco que esteve sentada em casa** (7) dá a idéia de que ela trabalhou praticamente o dia inteiro, a não ser por uns poucos momentos de ausência. O mesmo termo é usado em Deuteronômio 23.13.

B. BOAZ CONVERSA COM RUTE, 2.8-13

Boaz conversou com Rute e a instruiu para que ficasse perto das moças cujo trabalho era juntar o feixe de espigas depois de os segadores terem tirado os grãos. A expressão: **não ouves, filha minha?** (8) sugere que Boaz era mais velho que Rute. Ele ordenara aos rapazes que não a molestassem. Ela recebeu permissão para beber água dos vasos trazidos pelos próprios servos de Boaz.

Quando Rute expressou sua surpresa por ser tratada tão generosamente, apesar de sua condição de estrangeira, Boaz respondeu que ele já fora informado da bondade com que Rute tratara sua sogra Noemi desde a morte de seu marido e que, naquele momento, ela deixara seus pais e sua terra natal para habitar entre estrangeiros. Lealdade e fé religiosa sincera são companheiras de toda pessoa de bom raciocínio. **O Senhor galardoe o teu feito**, disse Boaz, **e seja cumprido o teu galardão do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar** (12) – outra indicação do caráter religioso da grande escolha de Rute (cf. comentário de 1.16,17). Ela se tornou uma prosélita judaica.

C. RUTE COME COM BOAZ, 2.14-16

Na hora da refeição do meio do dia, Rute foi convidada por Boaz para comer com ele e seus segadores. A refeição consistiu de **trigo tostado e pão molhado no vinagre** (14), que pode ter sido vinho amargo ou vinagre de vinho. **Levantando-se ela a colher** (15) indica que Rute deixou o grupo e voltou à sua tarefa antes de os trabalhadores retornarem ao trabalho. Então Boaz instruiu seus servos para que favorecessem Rute e não fizessem algo que a embaraçasse.

D. UM PARENTE DE SANGUE, 2.17-23

O resultado do trabalho do primeiro dia de Rute **foi quase um efa de cevada**, ou dez ômeres (Êx 16.36), cerca de 18 litros de grãos. Quando Rute falou com sua sogra sobre os eventos daquele dia e relatou a bondade de Boaz, Noemi deixou clara sua apreciação pela estima daquele homem. **Bendito seja do Senhor, que ainda não tem deixado a sua beneficência nem para com os vivos nem para com os mortos** (20). Beneficência é a tradução da palavra hebraica *chesed*, também traduzida como “lealdade”, “misericórdia”, “benignidade” ou “bondade”. Ela dá a idéia de fazer mais do que se é exigido pela lei, princípio comunicado pela palavra “graça” no Novo Testamento. **Este homem é nosso parente chegado e um dentre os nossos remidores** (20) indica que Boaz não era o parente mais próximo. Este parente mais próximo (heb. *goel*) tinha o direito de resgatar um campo que fora vendido (Lv 25.25). Era sua tarefa vingar o sangue derramado (Nm 35.19) e casar-se com a viúva de um irmão falecido (Dt 25.5-10). Boaz não tinha esses direitos e obrigações, mas era o próximo na linhagem. É possível que o termo hebraico possa ser traduzido como “ele é o próximo depois do nosso *goel*”. O termo *goel* significa basicamente “remidor” ou “protetor, vindicante” (Jó 19.25).²

Noemi insistiu para que sua nora ficasse com as servas de Boaz durante toda a colheita da cevada e do trigo. **Para que noutro campo não te encontrem** (22) também pode ter o sentido de “para que em outro campo nenhum homem te moleste”. O termo traduzido como **encontrem** é freqüentemente usado com a idéia de lançar-se com intenção de ferir.

SEÇÃO III

O ESTRANHO PEDIDO DE RUTE

Rute 3.1-18

A. NOEMI ACONSELHA RUTE, 3.1-5

Com o término da colheita, Noemi coloca em prática seu plano em relação a Rute. Cheia da intuição feminina, ela talvez tenha percebido a possibilidade do interesse de Boaz por sua nora. Ela expressou o desejo de **buscar descanso** (1) para aquela mulher moabita, um termo que significa segurança no casamento ou encontrar um lar (cf. 1.9). Rute foi instruída para tomar um banho, ungir-se, colocar uma roupa (“um manto” ou um tipo de xale ou véu, normalmente uma peça quadrada de tecido que servia como vestimenta exterior, mas que era usada de diversos modos – Gn 9.23; Êx 12.34; Dt 22.17; Jz 8.25; 1 Sm 21.9 – provavelmente “os teus melhores vestidos” – ARA) e que fosse ao lugar onde Boaz estaria para limpar a cevada na eira.

Quando Boaz tivesse terminado de comer e beber e fosse se deitar, Rute deveria marcar bem o lugar. Então, ela deveria entrar, descobrir os pés dele e deitar-se. Boaz lhe diria o que fazer em seguida. Com um espírito de obediência ao conselho de Noemi e com a disposição de uma mulher que busca o casamento e um lar, Rute concordou em seguir suas instruções: **Tudo quanto me disseres farei** (5).

B. BOAZ FAZ UM VOTO, 3.6-13

Rute fez conforme lhe foi dito. Boaz fez sua cama ao lado de um monte de grãos, provavelmente para guardá-los dos ladrões. Depois de pegar no sono, Rute veio **de mansinho, e lhe descobriu os pés, e se deitou** (7). À meia-noite, Boaz **estremeceu** – melhor “assustou-se” (ARA) – e, quando se virou, encontrou uma mulher aos seus pés.

“Quem é você”, perguntou ele. “Sou Rute, a sua serva”, respondeu ela. **Estende, pois, tua aba sobre a tua serva, porque tu és o remidor** (9). O pedido seria compreendido como um desejo de que Boaz cumprisse a tarefa de remidor em relação à viúva de seu parente falecido.¹

Boaz indicou sua disposição. **Após nenhum jovem foste** (10) deixa mais uma vez implícito que Boaz era mais velho que Rute. Ele já tivera abundante testemunho do caráter virtuoso daquela jovem. **Toda a cidade do meu povo** (11), literalmente “todo o portão do meu povo”, ou seja, o conselho de anciãos que se encontrava nos portões da cidade. Só haveria uma possível complicação. Havia um parente mais próximo que deveria ser consultado em primeiro lugar. Boaz prometeu vê-lo pela manhã, e comprometeu-se por meio de um voto: **vive o Senhor** (13).

C. RUTE VOLTA A NOEMI COM UM PRESENTE, 3.14-18

Rute deita-se calmamente até a manhã, conforme Boaz orientou. Embora os procedimentos estivessem de acordo com as práticas sociais da época, Boaz sabiamente protegeu a reputação tanto de Rute como a sua própria por meio da ordem dada aos seus servos: **Não se saiba que alguma mulher veio à eira** (14). Então, enquanto ainda estava muito escuro para que alguém fosse reconhecido, Boaz derramou **seis medidas** (15) de cevada no véu de Rute e a despediu. Não há indicação da medida usada, tanto no texto hebraico como na LXX. Se fosse um ômer, seria o equivalente a quase quatro litros. Rute foi até Noemi e esta lhe perguntou: **Como se te passaram as coisas?** Depois de contar o que acontecera, Noemi disse: “Apenas seja paciente, minha filha. Este homem não descansará até que resolva esta questão ainda hoje”.

SEÇÃO IV

BOAZ REDIME A HERANÇA DE ELIMELEQUE

Rute 4.1-22

A. UM REMIDOR MUDA DE IDÉIA, 4.1-6

Logo cedo, na manhã seguinte, **Boaz subiu à porta** (1). O portão da cidade era o lugar onde os anciãos se encontravam para a administração da justiça e resolução dos problemas do povo.¹ Quando o parente mais próximo de Elimeleque apareceu, Boaz o chamou e disse: **Ó fulano, desvia-te para cá e assenta-te aqui**. Chamou também dez dos anciãos, número que, aparentemente, era o *quorum* para qualquer tipo de ação oficial. Boaz contou ao outro parente a intenção que Noemi tinha de resgatar um campo que pertencera a Elimeleque e perguntou se o homem tinha interesse em comprá-lo. Não se sabe mais nada sobre esta transação a não ser esta breve menção. Uma vez que, nos tempos do AT, uma propriedade deveria permanecer dentro da família e da tribo, era necessário que a venda fosse feita a um parente próximo. **Manifestá-lo-ei em teus ouvidos** é mais compreensível do como está na ARA: “Resolvi, pois, informar-te disso”.

Como o homem manifestou sua disposição de comprar a propriedade, como era esperado de um *goel* ou remidor (Lv 25.25), Boaz afirmou depois que, com a redenção do campo, o homem também precisaria ficar com a viúva, ou seja, Rute. Neste ponto, o remidor faz objeção: **Para mim não a poderei redimir, para que não cause dano à minha herdade** (6). Talvez seja por isso que a lei especificava que o campo seria dado ao primeiro filho de Rute, que seria considerado o filho de seu falecido marido, e o remidor não estava disposto a ter esta perda. Por causa disso, ele transferiu suas responsabilidades nessa questão para Boaz, o próximo parente na seqüência.

B. UM CASAMENTO EM BELÉM, 4.7-12

O versículo 7 indica um lapso de tempo entre os eventos descritos e o registro da história. Era costume antigo que, nos casos de **remissão e contrato** (7) que envolvessem propriedades, aquele que fazia a transação tiraria suas sandálias e as daria ao outro como confirmação do acordo. Foi isso o que fez o remidor, e a transferência foi devidamente testemunhada. Os presentes expressaram a Boaz o desejo de que o Senhor fizesse a Rute **como a Raquel e como a Léia, que ambas edificaram a casa de Israel** (11), por meio de seus filhos. É feita uma menção especial a **Perez (que Tamar teve de Judá)** (12), visto que ele foi o ancestral por meio de quem surgiu o clã de Belém. Os filhos eram a maior bênção do lar hebreu e eram grandemente desejados.

C. O NASCIMENTO DE OBEDE, 4.13-17

Uma grande felicidade invadiu aquela pequena família quando nasceu Obede. Ninguém estava mais feliz que Noemi, que via a criança como um filho seu e como a perpetuação de sua família em Israel. Por sua vez, ele se tornou pai de Jessé, o genitor de Davi, o maior rei de Israel.

D. A GENEALOGIA DO REI DAVI, 4.18-22

O livro de Rute termina com uma breve genealogia ou histórico familiar de Davi, ao partir de Perez, o filho mais velho de Judá com Tamar, sua nora (Gn 38.29). A genealogia inclui **Esrom**, “fechado, murado”, **Arão**, “alto”, **Aminadabe**, “parente do príncipe”, **Naassom**, “encantador” e o pai de Boaz, **Salmom**, “vestido”.

Assim, à humilde, mas devotada moabita Rute, foi dada a sublime honra de ter um lugar na sucessão de ancestrais do maior rei de Israel e do maior Filho de Davi, Jesus, o Messias (Mt 1.5,16; Lc 3.23,32). A história parece terminar como um conto de fadas no qual a heroína viveu feliz para sempre. Mas a história de uma vida boa e piedosa nunca é um paraíso. Nenhum homem ou mulher que serve a Deus alcança tudo o que deseja. A vida da pessoa piedosa tem alguns desapontamentos, mas ainda assim é infinitamente mais rica e mais satisfatória do que uma existência sem Deus. Todo homem e mulher que se identificam com Deus e com seu povo vivem para se regozijar com esta decisão. Todo aquele que, como Orfa, se afasta, sempre se arrepende de sua decisão. “O caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1.6), “mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4.18).²

Notas

INTRODUÇÃO

¹ “Porquanto” (1.13).

² “Amargura” (1.20).

³ Cf. Rt 4.7 e Dt 25.7,9.

⁴ Talvez sessenta anos.

⁵ Cf. Rt 1.7; 1 Sm 3.17; 14.44; 1 Rs 2.23.

⁶ Rt 1.19; 1 Sm 4.5; 1 Rs 1.45;

⁷ Rt 2.3; 1 Sm 6.9; 20.26.

⁸ Esta afirmação não é negada pelo fato de Davi ter se refugiado em duas oportunidades em Gate em vez de em Moabe (1 Sm 21.10; 27.2). Tal decisão foi tomada em função da proximidade de Gate.

⁹ Raabe também era gentia (Mt 1.5; cf. Is 56.1-8; At 10.34,35; Rm 3.29; 1 Co 12.13; Gl 3.28; Cl 3.11).

¹⁰ I.e., *rolos*, viz., Rute, Cantares, Eclesiastes, Lamentações e Ester.

¹¹ I.e., Pentecostes.

¹² Em sua obra intitulada *Contra Apionem*.

¹³ Em sua obra intitulada *Prologus Galeatus*.

SEÇÃO I

¹ Rute era esposa de Malom, provavelmente o filho mais velho (4.10).

² Cf. A. Macdonald, “Ruth”; *The New Bible Commentary*, editado por F. Davidson, *et al.* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 259.

SEÇÃO II

¹ Cf. Robert A. Watson, “The Book of Ruth”, *The Expositor’s Bible*, editado por F. Robertson Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943), I, pp. 389-94.

² Cf. Macdonald, *op. cit.*, p. 260.

SEÇÃO III

¹ Cf. Macdonald, *op. cit.*, p. 261.

SEÇÃO IV

¹ “Os muros das cidades do oriente eram largos e, conseqüentemente, o portão era um pequeno túnel que fornecia sombra e brisa fresca. Era ali que os homens da cidade se reuniam” (A. Macdonald, *op. cit.*, p. 261).

² Cf. Watson, *op. cit.*, pp. 416-20.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BAXENDALE, Walter. "The Preacher's Commentary on the Book of Ruth", *The Preacher's Complete Homiletical Commentary on the Old Testament*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1892.
- BETTAN, Israel. *The Five Scrolls*. Cincinnati: Union of American Hebrew Congregational, 1950.
- CLARKE, Adam. *A Commentary and Critical Notes*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury, s.d.
- COOKE, G. A. *The Book of Ruth*. "The Cambridge Bible for Schools and Colleges". Cambridge: Cambridge University Press, 1918.
- DUMMELOW, J. R. (ed.). "Ruth", *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: Macmillan Company, 1940.
- EXELL, Joseph Samuel (ed.). "Ruth", *The Biblical Illustrator*. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.
- KEIL, C. F., e Delitzsch, F. *Joshua, Judges, Ruth*. "Biblical Commentary on the Old Testament". Grand Rapids, Michigan: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).
- MACDONALD, A. "Ruth", *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson, *et al.* Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1954.
- MORISON, James. "Ruth", *The Pulpit Commentary*, editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova edição, vol. VIII. Chicago: Wilcox & Follett, s.d.
- PFEIFFER, Charles F. (ed.). "Ruth", *The Wycliffe Bible Commentary*. Chicago: Moody Press, 1962.
- POORE, L. A. "The Book of Ruth", *The Twentieth Century Bible Commentary*. Editado por G. Henton Davies, *et al.* Edição revisada. Nova York: Harper and Brothers, 1955.
- ROWLEY, H. H. "The Marriage of Ruth", *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*. Londres: Lutterworth Press. Publicado primeiramente na *Harvard Theological Review*, XL (1947).
- SLOTKI, J. R. *The Five Megilloth*. Editado por Abraham Cohen. Londres & Bournemouth: The Soncino Press, 1952.
- STRAHAN, James. "Ruth", *A Commentary on the Bible*. Editado por Arthur S. Peake. Nova York: Thomas Nelson & Sons, s.d.
- VERHOEF, P. A. "Ruth". *The Biblical Expositor*. Editado por Carl F. H. Henry. 2ª Edição, Vol. I. Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960.
- WATSON, Robert A. "The Book of Ruth", *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll, vol. I. Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1943.

II. PESQUISAS

- CHAPPELL, Clovis G. *Feminine Faces*. Nova York: Abingdon-Cokesbury, 1942.
- DEEN, Edith. *All of the Women of the Bible*. Nova York: Harper and Brothers, 1955.
- MORGAN, G. Campbell. *Living Messages of the Books of the Bible*, vol. I. Nova York: Revell, 1912.
- MORTON, H. V. *Women of the Bible*. Nova York: Dodd, Mead, & Company, 1952.
- SIMEON, Jeannette. *Some Women of the Old Testament*. Londres: Allenson, 1905.

III. ARTIGOS

- GEDEN, A. S. "Ruth, Book of", *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. IV. Editado por James Orr, *et al.* Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1939, pp. 2628ss.
- GIGOT, Francis E. "Ruth", *The Catholic Encyclopedia*, Vol. XIII. Editado por Charles G. Herbermann, *et al.* Nova York: The Encyclopedia Press, 1913, pp. 276ss.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

2

JOSUÉ A ESTER

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

ISBN 85-263-0686-3



9 788526 306868